

INTRODUÇÃO



A primeira vez que me fiz a pergunta “Por que esta igreja é disposta assim?” foi quando conheci a catedral de San Francisco (Córdoba, na Argentina), minha diocese. Construída depois de 1965, tinha características incomuns: planta em forma de leque, ausência de colunas a interromper a visão do altar, *matronero*,¹ dois ambões, tabernáculo fora da zona do altar, iconografia mural. Encontrei a resposta ao estudar liturgia no seminário: essa catedral fora construída, disposta e ornamentada de acordo com as normas litúrgicas do Concílio Vaticano II.

Os anos trouxeram mais perguntas. No contato com comunidades distintas, percebi que as igrejas tinham uma disposição “particular”, segundo o uso a que eram destinadas: uma igreja paroquial não era igual à capela de um seminário ou de uma comunidade monástica. Por quê? A resposta estava no livro *Arquitectura y liturgia*, de Louis Bouyer, o qual afirma que, ao projetar-se uma igreja, temos de levar em conta não somente as “normas litúrgicas”, mas também sua funcionalidade e seu simbolismo, que variam em cada caso.

¹ Os *matroneros* eram, nas basílicas paleocristãs, tribunas superiores destinadas às mulheres. No caso da catedral de San Francisco, eram destinadas às mães com crianças pequenas.

Uma etapa importante da minha “caminhada perguntante” foi o projeto da capela da comunidade beneditina de Nossa Senhora da Paz (também em Córdoba, na Argentina), do qual participei por 15 anos. O projeto, que nunca sairia do papel, desafiou-nos a meditar sobre o lugar que a comunidade monástica deve ocupar no conjunto do espaço celebrativo, de forma tal que reflita o lugar que uma comunidade religiosa tem dentro da Igreja. Muitas respostas e novas perguntas surgiram no contato com a obra teórica e/ou prática da professora Maria Jovanna Musj, de André Grabar, de Claudio Pastro e de D. Ruberval Monteiro, OSB; também nas aulas de Eclesiologia, com o Prof. Fernando Altemayer, de Eucaristia, com o Prof. Antonio Francisco Lelo, e de Liturgia, com a Profa. Elza Helena Abreu, e nas publicações de Vincenzo Gatti, Luis Aldazábal, Maurizio Bérgamo e Mattia del Prete. Assim, foi crescendo meu desejo de aprofundar a reflexão sobre a relação mútua que existe entre o espaço celebrativo cristão e a autoconsciência de ser (e como ser) Igreja que tem a comunidade que nesse espaço celebra sua fé.

O presente livro está dividido em três capítulos: o primeiro desenvolve os conceitos de espaço sagrado, templo e sinal, que fornecerão a base para a compreensão do espaço celebrativo como ícone da eclesiologia; o segundo traça um panorama histórico da relação entre o espaço celebrativo cristão e a eclesiologia; e o terceiro trata das convicções do Concílio Vaticano II no campo da liturgia e

1. O ESPAÇO SAGRADO



O espaço entendido como o lugar do encontro do humano com o divino é um fato antropológico, uma realidade que pertence à própria estrutura do ser humano, que precisa de um espaço onde possa encontrar-se com o sagrado, com aquilo que o transcende e completa. O espaço é um lugar de encontro com o sagrado, e ainda mais: tem o caráter de sinal, pois é uma realidade (material) que remete a outra (o sagrado).

O espaço é um dos sinais pelos quais o Deus de Abraão se serviu para manifestar a salvação que quer nos comunicar: na Primeira Aliança, o jardim no Éden tornou-se o sinal da Aliança de Deus. Ao longo da história, foram sinais desse encontro as estelas dos patriarcas, a árvore de Abraão e a sarça de Moisés; depois o foram o Monte da Aliança – o Sinai – e, finalmente, a Arca, a Tenda do deserto e o Templo de Salomão, “a morada onde Deus habitará para sempre” (1Rs 8,12-13). Na Nova Aliança, o espaço/templo é assumido por Cristo na sua ação salvífica: ele é verdadeiro “lugar” da manifestação de Deus; ele é o verdadeiro Templo, onde se louva verdadeiramente a Deus e onde se celebra o verdadeiro sacrifício. Em Pentecostes, a comunidade dos discípulos de Jesus é transformada, pela ação do Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, no “Templo Santo no Senhor”, que foi “edificado sobre o

fundamento dos apóstolos e profetas, com o Cristo sendo a pedra angular” (Ef 2,20-21; 1Cor 3,9).

1.1. O espaço

A pessoa humana é individualizada na sua existência por duas coordenadas fundamentais: o tempo e o espaço, realidades que ela não constrói, mas que são preexistentes a ela. O homem é colocado neles e determinado por eles; por outro lado, eles são qualificados positivamente ou negativamente por ele. O homem move-se no tempo e ocupa um espaço.

Se, por um lado, a relação homem/espaço/tempo permite ao homem perceber a alegre consciência de sua existência, por outro sublinha os limites da existência humana. Ao mesmo tempo em que se deseja viver todo o tempo e possuir todo o espaço, para alcançar a felicidade, é precisamente nesse processo de conquista que se sofre ao experimentar todas as limitações do próprio tempo e espaço. O homem quer escapar dessa prisão – que, no entanto, ama –, do espaço e do tempo, para encontrar uma realidade eterna, não possuidora de estágios ou limites que impeçam à vontade e ao pensamento realizar sua plenitude e imediatismo. Desde sempre, o homem sentiu essa saudade do eterno e do infinito como uma lei da sua própria natureza; e sempre foi à procura de uma resposta ao seu anseio (cf. GATTI, 2001, p. 49-50).

A palavra *espaço* significa dimensão indefinida. Sendo uma dimensão, somos capazes de medi-la *ad infinitum*. Medimos o espaço partindo do nosso próprio espaço, que é o nosso corpo (medimos em cotovelos, pés e contamos com os dedos da mão). Portanto, algo infinitamente maior do que nós se revela a partir de nós mesmos, o ilimitado surge do limitado. E nos sentimos parte de um mesmo todo (cf.

PASTRO, 2001b, p. 15).

1.2. Sinal

Sinal é algo que vemos e que nos leva a conhecer algo que não vemos, como a fumaça nos faz perceber a existência de um incêndio, ou as pisadas a passagem de um animal. Essa mediação que revela uma realidade escondida pode ter uma densidade variável: desde a de um mero sinal prático ou convencional (um sinal de trânsito que adverte para dobrar à frente) até um sinal carregado de sentidos humanos (um bolo de aniversário), ou uma ação simbólica que, no contexto da celebração, comunica eficazmente a graça que significa (a imposição das mãos), ou uma pessoa que é ela mesma um sinal e símbolo da salvação e de uma realidade invisível (Cristo, como sinal, ícone e símbolo de Deus).

Sinal não é o mesmo que símbolo. O sinal permite conhecer. O símbolo é de significado mais denso e tende a criar comunhão; além de notificar ou informar, ele evoca e realiza. Os sinais não são da mesma natureza que o significado (a fumaça em relação ao fogo), enquanto os símbolos, de alguma maneira, contêm a realidade que significam, tornando-a presente e colocando-nos em relação a ela (por exemplo, um presente de aniversário como sinal de amor). Todo símbolo é um sinal, mas nem todo sinal é um símbolo. A etimologia do símbolo já indica a sua intenção: cada uma das partes a se unirem (*sym-ballo*, em grego) já contém a realidade, mas somente quando estão juntas ou se recompõem – como num quebra-cabeça reconstruído – contém a realidade completa.¹

¹ O *sym-ballo* é cada uma das metades de um objeto quebrado, que é apresentado como um sinal para ser liberado. Juntam-se as peças que-

Deus, na História da Salvação, tanto no Antigo Testamento como na plenitude de Cristo, usou sinais e símbolos, muitas vezes tomados da mesma natureza (água, fogo, óleo, pão e vinho), para manifestar a salvação que quer comunicar. Sinais naturais tornaram-se sinais bíblicos da Aliança de Deus, depois foram assumidos por Cristo, na sua ação salvífica, e agora correspondem à linguagem expressiva e eficaz da graça sacramental na celebração da Igreja. O verdadeiro Sinal, Símbolo e Ícone de Deus é o próprio Cristo: não somente nos mostra o Pai, mas também no-lo comunica (cf. Jo 1,14; 5,37; 14,9 *apud CATECISMO*, 1145-1152).

1.3. O sagrado

Falávamos que o homem sempre sentiu o desejo de infinito como uma lei de sua própria natureza, e vem buscando uma resposta a esse anseio. A resposta definitiva a esse desejo será o Cristo. O caminho para alcançar a plena manifestação e compreensão desse mistério é extremamente longo e começa com a percepção do espaço – ou melhor, de algum espaço – como sagrado (cf. GATTI, 2001, p. 50). Algo infinitamente maior do que nós nos é revelado a partir de nós mesmos: o ilimitado emerge dos limites. De frente ao ilimitado que se manifesta, surge em nós um sentimento irracional; o ser humano não pode expressar racionalmente essa “presença escondida” e percebida como algo completamente “outro”. Experimentamos um sentimento de temor diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas*, e, ao mesmo tempo, uma sensação de perfeita plenitude diante desse *mysterium fascinans*.

O ser humano conhece o sagrado porque ele se lhe bradas para verificar a identidade do portador (*CATECISMO*, 188).

manifesta, se lhe mostra como uma coisa absolutamente diferente do profano, cotidiano: há um espaço sagrado, forte, significativo; e existem outros espaços não sagrados, sem estrutura ou consistência, amorfos. Há uma experiência primordial do espaço como não homogêneo. Há uma experiência primordial do espaço e não homogênea. Quando o sagrado se manifesta, não acontece somente uma quebra na homogeneidade (o “outro” e eu, que sou diferente dele), mas há também uma revelação que não só se opõe ao que não é realidade absoluta (o profano), mas que também convida a um senso de orientação e de unidade. A manifestação revela um ponto fixo absoluto, um centro.

O mundo antigo tinha um pressentimento escuro do mistério: pressentia que toda a realidade terrestre é a imagem e obra de algum poder e alguma beleza supraterestre. Era o sagrado que estava se manifestando ontem como hoje. A *hierofania*² mais básica pode acontecer com qualquer objeto: uma pedra, uma árvore, o fogo, a água, uma nuvem... Não se trata de uma veneração a uma pedra enquanto pedra, nem de um culto a uma árvore enquanto árvore, mas no sentido de eles serem hierofânicos, ou seja, porque eles mostram outra coisa que não é pedra nem árvore, mas que é o sagrado, que é “outra coisa”.

Ao manifestar o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa, enquanto continua sendo o mesmo objeto, porque continua a participar do seu ambiente cósmico envolvente. Uma pedra sagrada não é, por isso, menos pedra que as outras e, do ponto de vista profano, não tem nenhuma aparência diferente; mas, para quem a pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transforma-se em

² *Hierofania* = “manifestação da divindade”.

uma realidade sobrenatural. Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é susceptível de revelar-se como sacralidade cósmica: o cosmos todo se torna uma *hierofania*. Não é num mundo etéreo, mágico e fantástico, mas é na realidade das coisas e nas imagens reais da vida que o sagrado tem a sua linguagem e se manifesta. O sagrado fala a língua do homem, e a linguagem do homem, carregada agora de sentido, será o símbolo (cf. PASTRO, 1993, p. 40-46). Por tudo isso, podemos afirmar que o espaço é a imagem (o ícone) na qual o sagrado se manifesta.

1.4. A morada de Deus na História da Salvação

Seguindo na Bíblia a jornada do homem até reconquistar o paraíso perdido – que é um lugar de comunhão com a presença divina –, podemos sublinhar alguns elementos desse lugar do encontro, que é o lugar sagrado (cf. GATTI, 2001, p. 52).

No Antigo Testamento

A Bíblia coloca o encontro entre Deus e o homem em uma realidade concreta determinada por uma entidade espacial. Na criação, Deus está presente em todos os lugares e o homem encontra-se com Deus em todas as partes. Esse “todo” é “um jardim que o Senhor Deus plantou no Éden, no leste” (Gn 2,8). É um espaço fechado, protegido, cultivado (cf. Gn 2,8); é um lugar perfeito, com um rio que mana de seu centro e se divide em quatro braços que fluem para os quatro pontos cardeais (cf. Gn 2,10-14), e que tem “a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal no meio” (Gn 2, 9); é um lugar fértil, benigno

no e belo lugar, porque “Deus fez brotar do solo todas as espécies de árvores formosas de ver e boas de comer [...] e um rio [...] e formou do solo todas as feras e todas as aves do céu” (Gn 2,9.10.19); e, acima de tudo, é o lugar do encontro onde “Deus passeia com o homem à brisa do dia” (Gn 3,8).

Os patriarcas erguem estelas como lembrança de alguma experiência sobrenatural extraordinária: “Ao despertar, Jacó disse: ‘De fato, o Senhor está neste lugar’ [...] Pegou a pedra que lhe havia servido de travesseiro, ergueu-a como estela e derramou óleo por cima. E chamou esse lugar de Betel” (Gn 28,16-19), que significa “Casa de Deus”. Uma pedra sinaliza a presença divina, transformando-se em “casa de Deus” (PASTRO, 1993, p. 94). E, junto ao carvalho de Mambré, Abraão encontra-se com o Deus que é a fonte da vida (cf. Gn 18,1.10). A árvore manifesta naturalmente a presença de Deus como Aquele que é o Vivente e a própria Fonte da Vida, de modo análogo ao relato da criação do capítulo 2 do Livro do Gênesis (cf. GATTI, 2001, p. 65).

O Senhor manifesta-se a Moisés na sarça que arde sem se consumir (cf. Gn 3,1-6). O fogo é um sinal da presença de Deus, que, com seu poder, garante a fidelidade à promessa por Ele realizada. Não por mero acaso, o que arde, na visão de Moisés, é uma sarça: ela evoca os espinhos e cardos produzidos pelo solo amaldiçoado por Deus por causa do homem (cf. Gn 3,17-18). Mas a sarça não se consome! Deus revela que a salvação será iniciada por seu amor, que muda a natureza mesma. E é nessa mesma natureza, antes amaldiçoada por causa do homem, que Deus volta a encontrar-se com ele. Na viagem pelo deserto, o Senhor manifesta-se a Moisés na montanha (cf. Ex 19). A montanha sempre foi considerada como um lugar sagrado, sendo o lugar mais próximo do céu, e é fácil vê-la

como a morada da divindade. E o topo da montanha está cheio de símbolos que acentuam seu caráter misterioso: a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, para chegar ao cume; a exposição à mercê das forças da natureza; a presença frequente de nuvens, relâmpagos e trovões. Deus se faz presente nessa linguagem teofânica, tal como o homem o entende, mas também se faz presente de verdade, manifesta-se presente na montanha e na nuvem, e fala através dos trovões (cf. *ibid.*, p. 57-58; 61-64).

Deus revela a Moisés seu desejo de habitar no meio do povo, dá até mesmo as instruções mais elementares para sua construção, e envia o seu espírito sobre os artistas que escolheu para executar o projeto (cf. Ex 25,8.10-22; 31,1-11; 37,1-9). A Arca será o lugar de encontro entre Deus e o homem: “Aí me encontrarei com você [...] e direi a você tudo o que deve ordenar aos filhos de Israel” (Ex 25,22), e onde o homem lhe renderá culto. Um recinto determinará o espaço no qual serão colocados os objetos da celebração em uma ordem estabelecida. A Tenda será móvel, guia e defesa do povo eleito. Deus falará com Moisés desde a Arca da Aliança (cf. Ex 25,22). A Arca será um símbolo da unidade do povo e, no final da sua peregrinação e oscilação política, quando Deus o permitir, será detida e guardada na sala mais íntima do Templo da cidade santa de Jerusalém, construída sobre o monte (cf. *ibid.*, p. 66).

O Templo de Jerusalém é o lugar da presença, a casa do Senhor, onde ele habita para sempre (1Rs 8,12-13). Porém, Deus não se faz presente lá como o faziam os deuses pagãos nos seus templos. O próprio Salomão explica o significado dessa misteriosa presença divina no discurso dado por ocasião da dedicação do Templo: “Será possível que Deus habite na terra? Se não habita no céu e no mais alto dos céus, muito menos neste Templo que construí”

(1Rs 8,27). De fato, o Templo não é suficiente para garantir o relacionamento do homem com Deus, e os profetas denunciavam isso repetidamente: Isaías, por exemplo, transmite a palavra de um Deus indignado porque as pessoas acreditam que cobrirão seus pecados com sacrifícios no Templo (cf. Is 1,11ss). Na verdade, esse não é o verdadeiro templo que, de acordo com a promessa de Deus, construir-lhe-á a descendência de Davi, pois “será um filho saído de suas entranhas quem vai construir o Templo para o meu Nome” (1Rs 8,18-19; cf. também PASTRO, 1993, p. 66).

Na época do exílio, surge uma nova e inesperada maneira de relacionar-se com Deus: primeiro, junto aos rios da Babilônia; e, depois, nas sinagogas, ao redor da Palavra de Deus. A sinagoga não é um templo, mas é um sinal ainda mais forte de relacionamento com Deus, porque os instrumentos não são as “paredes”, mas “o livro”, a leitura da Palavra de Deus, o que congrega seu povo (cf. BERGAMO, 2003, p. 21). O Corpo de Cristo será o verdadeiro Templo de Deus; nele, o homem estará sempre unido a Deus, agora no tempo e no espaço, e, depois, na eternidade: “Se alguém me ama, guarda a minha palavra, e meu Pai o amará. Eu e meu Pai viremos e faremos nele a nossa morada” (Jo 14,23). E isso acontece de modo sublime em Maria: nela, “a Palavra se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14; a oração do *Angelus*), e de modo não só espiritual, mas também físico (cf. GATTI, 2001, p. 66).

No Novo Testamento

Os cristãos já não têm necessidade do Templo de Jerusalém para encontrar-se com Deus. É nesse sentido que o diácono Estêvão, referindo-se ao Templo de Herodes, diz: “Porém, o Altíssimo não habita em casas feitas por

mãos humanas” (At 7,48). O mesmo sentido têm as palavras de Jesus à samaritana: “Está chegando a hora em que não adorarão o Pai, nem sobre esta montanha nem em Jerusalém... Em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade” (Jo 4,21-24). Ele não rejeita o uso de locais de culto, mas sim a necessidade de um espaço circunscrito, feito pelas mãos do homem, e que detenha o privilégio de ser a única morada de Deus (cf. PASTRO, 1993, p. 238-239).

Com Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado pelo Espírito Santo no seio de Maria (cf. Lc 1,26-38), substitui-se o templo “material”. Este desaparece, a fim de dar lugar para o espaço “espiritual”. “Figura” e “símbolo” dão passo à “realidade”. O tempo e a função da “pedagogia” acabaram. O Templo de Salomão é substituído pelo Templo que é Jesus Cristo, o único no qual, a partir desse momento, pode realizar-se o culto, ou seja, a adoração de Deus e a comunhão com Ele. A presença de Jesus no Templo lembra aos discípulos a profecia da construção “do templo do seu corpo” (Jo 2,21-22): um templo purificado, no qual já não têm sentido os antigos sacrifícios de “ovelhas e bois”, pois Jesus é, além do Templo, o sacrifício autêntico e definitivo. Na sua Paixão, Cristo é consumido por zelo pela casa de Deus, e tudo o que se refere à antiga economia (como o cordeiro ou o sangue) desaparece, e no terceiro dia surge o templo da sua pessoa.

A partir de agora, a “liturgia” acontecerá somente se é Jesus quem realiza em seu corpo. Essa liturgia é a que tem as características de “espiritualidade” e de “verdade” que Jesus falava à samaritana (Jo 4,21-24). Na “hora” de Jesus, ele realiza o verdadeiro culto, que revela o Pai e conduz a Ele. E os verdadeiros adoradores adorarão a Deus “em espírito”, com obras inspiradas pelo Espírito de Jesus Cristo, e na “verdade” da Nova Aliança de Jesus Cristo, que já